

# Corpo e linguagem sensual na paisagem urbana: rebeldias do prazer e do sentir na literatura africana de expressão portuguesa

Edimilson Rodrigues\*

a cidade é: um resto  
de boca  
no teu súbito  
acordar  
(MESTRE 2004, p. 39).

## Introdução

Na metodologia investigativa desse trabalho, oriundo da nossa atuação de educadores, trazemos recortes de poetas da luta armada, para mostrar outra faceta com a qual se armam – o texto sensual que alegoriza o átrio do corpo feminino, com a mesma sensibilidade do socialmente comprometido, tendo as metáforas da cidade como elementos alegóricos.

O objeto de investigação, resultante do labor acadêmico de nossa atuação no espaço da sala de aula, surgiu de comentários e discussões sobre poetas africanos que possuem relações filiais entre o corpo feminino e cidades. Numa intrincada organização de ideias que culminam entre o criar, no espaço citadino, e o conceber, no espaço feminino, como portadoras das metáforas cidadinas. Ambas grávidas de esperanças – a mulher como ser de construção das relações de pertencimento e contínua assertiva da ancestralidade; e a cidade como fator de dinâmica do homem cuja parte da vida, se concretiza nos espaços sociais, históricos e emocionais. Pois, “Tua voz vem de dentro da cidade/ de todas as ruas bairros e leitos da cidade onde houver/ um calor de pernas” (MESTRE, 2004, p. 37).

---

\* Graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (2001), Mestrado em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão (2008) e Doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2017). Professor do Centro de Ciências de São Bernardo MA de língua e literatura Espanhola. Líder do Grupo de Pesquisa AXOLOTL. Tem experiências nas áreas de Letras, com ênfase em Literaturas espanholas, brasileiras e africanas de expressão portuguesa e espanhola e, ainda, Literatura Infantil e Juvenil de África, Brasil e Espanha.

E-mail: em.rodrigues@ufma.br

Desse modo, mulher e cidade estão associadas às conquistas e descobertas na rebeldia do dizer e do sentir da linguagem literária como vetor de liberdade.

As cidades, assim como as mulheres, são personificadas por espaços e paisagens que trazem elementos da fertilidade, do prazer e da beleza concatenados à rebeldia do sentir a liberdade cidadina e corporal. São prazeres similares ao da escrita literária onde o poeta declara “componho na cidade mítica/ uma sintaxe de sombras” (PATRAQUIM, 2011, p. 53).

Desse modo, podemos deduzir que há relações inamovíveis entre cidade e mulher, nas literaturas africanas de expressão portuguesa. Assim, para comprovar nossas assertivas vamos testar e validar opiniões e pontos de vistas possíveis através do monumento literário. Nessa testagem metódica, o nosso material empírico, será o texto poético, pois ele valida a suposta teoria da existência cidadina como metáfora de recuperação do prazer/dizer e do dizer/sentir através da rebeldia da linguagem literária.

O empírico já ficou declarada acima, quanto ao teórico, incursionaremos nos estudos de pesquisadores que já tangenciaram, ainda que de leve, a temática em questão: a sedução dos poetas pelo corpo como símile da cidade materna, ou, dito de outra forma, a sedução das confluências entre o citadino e o corporal como lócus de prazer, porque ambos são espaços de confirmação do humano no edifício citadino e/ou feminino.

Inscrevendo a coreográfica imobilidade  
Do silêncio  
O edifício de carne por onde a voz corria  
As colunas de puro âmbar  
E o rosto, Hannah! (PATRAQUIM, 2011, p. 150).

Desse modo, podemos definir o edifício citadino como morada do corpo e espaço de construção identitária e sensível: habitat da criação, que, depois, se transforma em espaço imaginário do humano. Pois, “O primeiro ninho/ não foi um pássaro quem o fez:/ foi uma mulher ou um poeta” (VELHINHO apud APA, 2003, p.175).

Destarte, o objetivo é realizar um levantamento bibliográfico amparado em referências que deem apoio à produção de um texto em formato de artigo, com características do sentir as querelas cidadinas e associá-las ao prazer do corpo feminino.

## A voragem do corpo e da cidade na poesia

A cidade, desde os primórdios, é reflexão de crítica e hostilidade, pois, é inegável que ela contém os fossos, os orifícios, os desvios, tal qual a língua e a linguagem quando tematizam a mulher, com seus modos e modelos, seus labirintos e fossos, desvios e desníveis, degraus e escalas, portas e portos de entradas. Pois, os textos, de e sobre o feminino são símiles aos que descrevem as cidades.

Eles, os textos, investigam o social para, no espaço do literário, trazerem à tona a força expressiva de suas produções que surgem como instrumentos que libertam a mulher por dois ângulos. Um que a livra do silenciar das vozes, do aliciamento das tradições que a torna apenas ouvinte, o doméstico e domiciliar; e o outro que a liberta das dores e carências, físicas e emocionais, provocadas pelas guerras. O texto, patrimônio literário e social, recuperador da cultura linguística, a ampara e protege-a contra os ditames do mundo culturalmente masculino, patriarcal e colonizador. Suas metáforas traduzem os desejos do corpo da mulher e da mulher no corpo da escrita, com a força e sensibilidade criativas.

Na luta contra o dominante, a obra surge imantada de étimos do campo da proteção e da reprodução, com o ensejo de materializar os hábitos e costumes da mulher, no campo alegórico da palavra, o que a transforma em, além das funções de mãe, mulher e doméstica, em mulher comprometida com a escrita, qual ato de concepção, pois criam os textos, com o mesmo afeto de quem partilha o corpo para o instante mágico.

Textos e imagens do feminino se somam à estética da recepção do leitor, no plano das cidades; assim, no contexto de e sobre o corpo feminino, são semelhantes às leis da escrita na derme da cidade: “As minhas mãos colocaram pedras nos alicerces do mundo” (NETO, apud FERREIRA, 1979, p. 258).

O mundo da escrita absorve as cidades, assim como é absorvida pelo feminino, com ideias variadas sobre a cartografia da cidade, com seus projetos arquitetônicos que copiam os labirintos de outras urbes com suas paisagens e espaços sedutores e convidativos ao ócio e devaneio. O mesmo ocorre com os textos que relacionam o feminino, pois ele seduz à escrita, ao devaneio da descrição que direciona ao olhar detalhado e pervagante: “Amo-te na rua de imaginar somente/ roupa despida/ vagarosamente/ no meu poema de imaginar somente” (VASCONCELOS, apud SAÚTE, 2004, p. 404-405).

Existe um simulacro entre linguagem feminina e cidade. É imprescindível reconhecer que cidade é patrimônio da humanidade, e a linguagem feminina compõe,

edifica, o patrimônio de um povo. A coexistência valorativa faz parte desse processo: não é qualquer cidade, mas as reconhecidas pelos padrões de estética arquitetônica e memória histórica; tampouco qualquer linguagem, mas as que regem uma nação dita desenvolvida, inclusive, pelo uso que faz de sua língua *standard* no patrimônio literário.

É, pois, o labirinto das ruas, casas e das palavras, outro simulacro na esfera comparativa. Nesse labirinto das ruas como das palavras, não é qualquer cidadão-leitor que adentra e sabe trafegá-las. Tráfego que só é possível, pelas vielas do texto e da cidade, por aqueles que sabem fazer a adequação entre o permitido e o adequado, tanto no corpo citadino como no feminino.

A seleção e combinação das palavras permite o tráfego no tecido da cidade e na derme do corpo feminino, com ou sem os adereços que os compõem, porque – “Estamos nus como os gregos na Acrópole/ e o sol que nos mira também os fitou.” (KNOPFLI, apud SAÚTE, 2004, p. 259) como um *Progresso* textual e humano, partes inseparáveis das aventuras sociais.

Desde aí deduzimos que os textos, citadinos e corporais, nos permitem irromper em tecidos de escrita citadina feminina. Pois, corpo, ruas, alamedas e sentidos de trânsito cultural e humano, são dialógicos ao prazer tanto da escrita quanto da relação humana que perscruta a harmonia entre ambos. “a valsa/ à vela/ na vila/ à volta/ da vulva” (GUITAR Jr., apud SAÚTE, 2004, p. 579).

Pátria e mulher permitem habitar, plantar sementes, alojar sonhos; podemos afirmar que ambas são detentoras de segurança e agradabilidade, para aquele que declara: “viajei esperanças de voltar”. Há sempre um retorno, quer seja à casa materna, quer seja a casa do cônjuge, ou corpo/casa da amada. Uma sensível resistência aos ditames do corpo e do social aflora na poética africana.

As comparações entre o corpo arquitetônico dos espaços citadinos são redimensionadas na cartografia emotiva do corpo da mulher. Nela avultam os elementos que compõem a paisagem da cidade e essa transcende os ícones de sua norma: há leis de acessos no espaço das cidades, muito similares às leis e regras de acesso ao corpo da mulher. Em ambos os símbolos de cores e elementos compõem as conquistas, as descobertas, os momentos festivos e de fertilidades com “[...] suas mulheres magras e sombrias e trágicas/ pegando fogo aos sexos extenuados” (BAPTISTA, apud SAÚTE, 2004, p. 383).

As relações a dois, as leis e normas estabelecidas no convívio, devem espelhar o respeito e a cortesia, tanto do tráfego nas cidades como no das relações sociais. São experiências que se plasmam nas metáforas inusitadas dos poetas que, vez por outra,

recortam um emblema da cidade na comparação aos corpos femininos eivados de secreção e emoção: “Ei-la, a casa de trapos entre os lábios, / a secreção que eiva, / da tua voz, o lume, meu amor!” (PATRAQUIM, 2011, p. 43).

O intercâmbio material, as trocas simbólicas, as convenções das cidades e até seus defeitos estruturais, esbulham o intercâmbio simbólico da linguagem literária. A cidade moderna permite um dentro dela. Não a contemplamos mais, somos contemplados e abduzidos por ela, somos objetos de sua paisagem como quem busca “novas artes / de esculpir a vida” (ARTUR, apud SAÚTE, 2004, p. 553).

A cidade define o homem pela maneira como ele exercita sua conexão entre o cidadão de papel e o papel do cidadão na fertilidade inventiva, no percurso de sua comunicabilidade, no vínculo entre imagem cidadina e feminina. Há uma proliferação de comparações que ampliam os profundos modos e parâmetros entre o social e o humano, literatura e história, feminino e cidade, através do olhar do poeta, que traduz os modos de perceber e de ler o socialmente impresso no contexto cotidiano.

A cidade compõe-se por uma infinidade de indivíduos desconexos, onde o poeta conecta a ambos com a língua como elemento coletivo. Cheias de aventuras a mulher e a cidade possibilitam viagens espaciais e especiais. A linguagem permite reconhecer situações humanas fundamentais: pela língua o homem inventa, se reinventa na aventura das linguagens.

Viajando na linguagem, ou viajando nas cidades, o cidadão carece de uma bagagem: um passaporte, o diploma e seus carimbos que o autoriza trafegar no corpo labiríntico dos espaços. Por isso, pelo uso simbólico dos documentos, e ademais dos signos, dizemos que as grafias urbanas se comparam às grafias humanas: “Ainda nesta praça/ corpos de ébano feminino/ montam-se nos cavalos das noites sem guardiões” (BICÁ, apud SAÚTE 2004, p. 538).

Toda grande obra literária, assim como as obras arquitetônicas, gera atos de perplexidades. A melhor maneira para definir as tendências de uma área do saber – arquitetura, literatura, está em conhecer como se apresentam as resultantes que ela é capaz de produzir.

A literatura africana, como expressão de resistência, apresenta elementos da cidade, tendo-a como substrato a flora e fauna do feminino semelhante à mesma, pois, “Quando o meu corpo / se confunde com o cimento / E as casas e as estradas são da cor do meu sangue / Eu canto-te (...)” (SANTOS, apud SAÚTE 2004, p. 197).

A cidade recolhe um fragmento do real de seu criador, a linguagem literária feminina incorpora todas as modulações e fragmentos do real e do irreal, porque a sua prática exige a mobilização de todas as potencialidades arquitetônicas e poéticas.

A rebeldia, melhor, a maestria versa entre a casa como morada da ficção, e o corpo morada da fricção que atrita e solda os opostos: “teu corpo é essa casa feliz/ onde se celebra/ a loucura e frio dentro das falésias” (WHITE, apud SAÚTE, 2004, p. 564).

## Corpo e linguagem sensual na paisagem urbana

A escrita de rebeldia sensual do escritor africano é uma técnica que combina o sensível feminino e o arquitetônico visível – a cidade e suas leis através das leis de trânsito, normas, placas e anúncios sedutores ao mundo do consumo, induzem a travessia de ideias; e, no imaginário feminino hospeda o sensível que, na maioria das vezes, está impregnado pelos mesmos símbolos e ícones da cidade que denunciam corpo e espaços carentes de acessos às mesmas.

Há, na poética citadina, assim, uma inversão, na atualidade. Os anúncios, no plano das cidades, induzem mudanças históricas da atitude do corpo que, agora livre ao trânsito, compõe a paisagem frente às coisas, aos signos e aos elementos urbanos que os representam como *Capital da Memória* (LISBOA, apud SAÚTE, 2004, p. 228), pois, tanto a cidade como a mulher habitam as origens do mundo, como aduz o poeta Lisboa: “Cidade do tamanho da alegria/ que habita na origem do mundo:/ a terra, a água, o lodo, a mão no fundo/ do corpo nervoso (...)” (LISBOA, apud SAÚTE, 2004, p. 228). A inversão, ou melhor, a indução do sentido metafórico ilumina a morada primeira e íntima de todos os homens, o útero, como “ninho suave e morno antes do frio” (LISBOA, apud SAÚTE, 2004, p. 228).

A corpora feminina do poeta africano é, nesta análise, o cárcere de sua poesia. Os poetas se dedicam a libertar o corpo feminino aprisionado dos dogmas (patriarcalismo e colonialismo) à fértil relação entre cidade e mulher, numa exaltação entre prazer e linguagem, erotismo e sensualismo. A poesia surge, assim, de uma firme coerência interior – (corpo e mulher): “Corpo de desejo, em silêncio/ fremente, corpo/ de ser que busca infinitos/ de ser,” (LEMOS, 1999, p. 108) – que gera relações exteriores (sujeito e sociedade): “Dum grande poeta deu-se o nome/ a uma rua suburbana” (ALBA, apud SAÚTE, 2004, p. 336).

Os poetas se esforçam em gerar uma poética comprometida com os sentidos da geração de vidas, desse modo, as forças criadoras assumem as formas da cidade e seus recônditos como emblemas do corpo feminino que, também, reserva nuances de uma

linguagem que percorre o desenho citadino denunciante das travessias possíveis: “Há coitos. E coitos. Como nas devoções. As casas. Os olhos./ As cidades. As fronteiras. As searas. Os olhos dos poemas” (BAPTISTA, apud SAÚTE 2004, p. 393) que olham a todos na ágora citadina.

Os textos poéticos, como recortes mínimos de ideias, apresentam o máximo de imagens. E suas estruturas, versos breves, frases curtas, permitem acessos mais fáceis de ler e, conseqüentemente, de trafegar no *corpus* da linguagem. Uma metalinguagem pode ser observada desde o desenho dos textos elencados, isto porque, em muito se assemelham ao projeto arquitetônico das cidades modernas – poucas ruas, número menor de casas, de quadras e avenidas para que o controle de entrada e saída seja mais fácil. O que nos permite pensar uma outra rebeldia do prazer de viver e conviver nas cidades modernas: o mínimo de vizinhos com o máximo de isolamento.

A rebeldia do prazer e do sentir, na literatura, estão aí imantadas. Pois, “O corpo é aqui matéria-prima, material, ferramenta e entidade discursiva num só objecto. O corpo é simultaneamente conceito, objecto e representação” (ALVAREZ, 2016, p. 12).

Quanto mais características citadinas, a poesia e o corpo feminino, possuírem, maior a possibilidade de sua comparação em relação aos contextos sociais e culturais, mas também, aos aspectos da sensualidade feminina. Assim, a performance da poética africana feminina, nos desperta análises variadas, como por exemplo, relacionar a poesia feminina ao contexto da luta contra o colonialismo patriarcal e dominante, na performática escrita de e sobre o feminino dialógico ao urbano e, também, como emblema de resistência e liberdade corporalmente feminina.

A emoção torna os poetas em infatigáveis cronistas do *sensual sutil na literatura africana*<sup>1</sup>. Essa citação nos orienta a fazer um recorte para o que propomos desde o

---

1 A título de exemplos, reduzidos aqui, devido ao rigor do artigo e o método científico, vejamos: Gosto de chegar-te a boca ao pólen,/ ao coração da flor que preservas, trabalho que a fadiga não merece/ nem perturba./ Gosto de colhê-lo na sua total doçura,/ com os lábios, primeiro,/ como as vespas,/ e a boca quase endurecida/ de tanto o celebrar.// Gosto da flor que és/ assim exposta/ por entre os dentes/ e a húmida língua/ da volúpia. (WHITE, apud SAÚTE, 2004, p. 565-566); Tu/ doce acre/ linfo possuído/ que a terra grita./ Amo-te assim/ neste lado do barco. (WHITE, apud SAÚTE, 2004, p. 558); VILANKULU BY NIGTH – a valsa/ à vela/ na vila/ à volta/ da vulva. (GUITAR JR., apud SAÚTE, 2004, p. 579); Entre as areias e o mar – Entre as areias e o mar viaja/ o teu olhar. O teu corpo respira/ com os sinuosos traços das vagas/ e as sensações e a doçura e a ira// São a própria luz feita desejo./ O meu ópio será os teus anseios/ e as palpitações de teus lábios/ os gritos das gaiotas e os teus, // na fusão lúdica do sêmen e dos rios./ Na confrontação devorado é o desejo/ e enquanto a paixão parte, voa/ o espírito em busca de outros sóis. (LEMONS in SAÚTE e SOPA, 1992, p. 119); Amêndoa de Mombaça – Por ti/ colhi o luar/ na cabaça// comi o retrato/ na vidraça/ feri// o gargalo/ na taça/ bebi/ onde bebe/ a caça/ por ti// por tua amêndoa de/ Mombaça (MESTRE, apud APA 2003, pp.105 e 106); Afasto as cortinas da tarde – Afasto as cortinas da tarde/ porque te desejo inteira/ no poema// e passas de capulana/ teu corpo

título: *Rebeldias do prazer e do sentir – cidade e mulher na literatura africana*, pois, iluminados pelas ranhuras do conflito da linguagem, os textos aqui selecionados, buscam o concílio do prazer, concebendo uma poética do sentir feminino imantada na transgressão de imagens femininas grávidas de liberdades e prazeres.

A título de exemplos, reduzidos aqui, devido ao rigor do artigo e o método científico, vejamos a presença desse sensual urbanizado na poesia africana que atrita ao corpo feminino, como monumento de prazer, nos textos seguintes.

A) VILANKULU BY NIGTH – a valsa/ à vela/ na vila/ à volta/ da vulva. (GUITAR JR., apud SAÚTE, 2004, p. 579);

Neste espaço cênico do poema, a cidade chama a si, o espetáculo musical ornado de ritmo, cheiro e cor que vibra em moçambicanidade, como neste *Moçambicanto*: “Oh pátria/ moçambiquero-te/ neste alumbramento” (KHAN, apud SAÚTE, 2004, p. 458). Desde o espaço cultural e cenário turístico, o título retoma um local da festividade ofertada ao estrangeiro, associando corpo feminino ao ritmo da cidade, numa cadência sonolenta, pois, a “valsa” retoma os encontros humanos no contato corpo a corpo com a palavra, com a música, com o sensual, que seduzem “à volta/ da vulva”.

O espaço geográfico e o cenário que, supostamente, podem ser próximos do mar – “à vela” – ou mais, à luz da vela que dá um aspecto mais noturno e velado, BY NIGTH, induzem ao sortilégio do enlaçamento humano, na contemplação do corpo feminino que se congratula ao “v” carnal, ritmado pela linguagem em cadências de conquistas.

A música e o corpo carecem de olhares, de audição, de contemplação e acompanhamentos – musical e corporal. A música é labor de arte, sonora, artística; o

---

como as dunas/ plantadas de pinheiros/ rumorejando perto// as fúrias das ondas/ caindo brandas/ no meu gesto (PATRAQUIM, apud SAÚTE 2004, p. 462); Ó minha palavra nua – ó minha palavra nua/ idioma do teu corpo// aqui fundo a raiz/ e o espaço/ neste ciciado cio/ teu monte azeviche/ aberto às manhãs/ cacimbado a nervo! (PATRAQUIM, 2011, p. 23); Assim te sei amar – Só assim te sei amar/ Ana/ entregando-me todo a ti/ para que me amordaces em ti mesma/ como se fosses um totem/ sentir que as tuas tranças/ me cingem a musculatura/ e me amolecem o vigor/ para que eu morra em ti enroscado.../ Só assim te sei amar/ Ana/ penetrado em ti/ até à ínfima porção de mim/ sentir a vida a esvaír-se-me (sic)/ enlouquecido pelo langor/ dos teus lábios bordejado/ e hipnotizado pela alvura possessoria/ dos teus olhos em êxtase.../ Só assim, Ana/ te sei amar com todo o meu ser! (BUCUANE, apud SAÚTE, 2004, p. 455); Quando elas abrem – Quando elas abrem/ Fecho meu instinto/ Catalizo a vontade delas/ Despindo-me para as satisfazer// E provém/ A ausência do sentido/ Que o dado tempo/ Enche-me de carência// Escapulo/ Torno-me um rebelde/ Da ocasião que elas legam/ Meu prazer adulterado (MATINE in SAÚTE, 2004, p. 613); Mulher de M'Siro – O m'iro/ encantamento dos meus olhos/ perfaz a tua insular imagem./ No litoral do teu corpo/ a apoteótica espuma/ do orgasmo das ondas./ Ó júbilo na falésia do canto (SAÚTE, 1992, p. 123). Algumas dessas poesias foram por nós analisadas em “Sedentário em teu corpo” – o sensual sutil na literatura africana.

corpo, via conquista, é fruto da arte da sedução, quer seja sonora ou de outros atributos. No entanto, ambos, corpo e música, na compleição do instrumento de sopro, corda, ou percussão, carecem do tato, do olfato geradores de possíveis atritos corporais. Assim, música e corpos, no cenário rural ou urbano, trazem a simbologia da sinestesia dos sentidos que direcionam à dança da carne.

No átrio das linguagens, a corporal se destaca quando o assunto é conquista: a cor, o cheiro, o molejo, a festa da imagem. Nessa contiguidade de descobertas a “valsa” possibilita o distante se aproximar, os corpos na fricção proporcionada pela melodia, dão ritmo ao pulsar das imagens e conquistas na “vila”, ou seja, no espaço citadino onde homem e mulher compõem suas geografias de linguagens.

A letra da valsa, em conúbio com as palavras, enlaça e retoma o poema, letra vivida e sentida no momento do texto que, sonoramente, é ouvida em VILANKULU como indício da “valsa/ à vela/ na vila/ à volta/ da vulva”. Dito isto, podemos supor que, pelo título posto em inglês, e mancha gráfica em caixa alta, temos a perspicácia do jogo da escrita: VILANKULU que soa como objeto de parte do corpo citadino e humano, constituintes da indução, seduzindo, assim, desde o sonoro que se associa ao idioma estrangeiro no qual está escrito o título.

Desse modo, o nome, o local, a paisagem citadina, induzem ao desejo de ter, possuir e ser na “valsa”. Tais indícios nos induzem à bacante da carne, num jogo de aliteração que vibra desde a seleção das palavras substantivas, culminando a uma única suposição verbal – “à volta”. A cidade pulsa no chamamento da palavra “vulva” como elemento constituinte do prazer e do viver. Ela induz assim, pela musicalidade intencional, através da repetição do som da consoante V que direciona a outras imagens citadinas – vielas, via, mas, é na palavra vila que o ente citadino evoca o viver feminino: “à volta/ da vulva”, num rito melódico e condicionado pelo fulgor das memórias sonoras induzidas pelo título como local de prazer.

Tomemos como exemplos de peripécias intertextuais da linguagem, o poema de Cassino Ricardo – *Serenata sintética* no qual a aventura romântica se passa numa cidadezinha do interior: “Rua torta.// Lua morta.// Tua porta.” Pelo fator composicional do poema, observamos a mesma recorrência breve e, como o título indica, uma sintética serenata, tal qual VILANKULU BY NIGTH, nas mesmas têmperas da sedução: noite, festividade, enlaçamento, conquista. Ainda que menor, em estrutura poética, mas tão longo quanto a análise, o poema de Cassiano se assemelha em muito ao de Guittar Jr. Porém, não faremos a análise aqui, mas fica aí o informativo quanto ao texto por nós desenvolvido – *Serenata & Valsa no rigor da linguagem poética* – no qual

essas relações: música, poema breve, síntese de conquistas, e aproximações: Brasil e África na literatura moderna, são trabalhadas.

O texto de Guittar Jr nos remete às peripécias da conquista do eu poético de *Namoro* do poema de Viriato da Cruz, no qual o eu enamorado aventura várias formas de conquistas através de cartas, cartão, recado, sempre com o não da amada, no entanto, após as aventuras, ambos vão ao morro do Samba. E, na dança, no enlaçamento dos corpos, ocorre o sim, que, tão esperado por ele, culmina num beijo. “Tocaram uma rumba – dancei com ela/ e num passo maluco voámos na sala/ qual uma estrela riscando o céu!/ E a malta gritou: “Aí, Benjamim!”/ Olhei-a nos olhos – sorriu para mim/ pedi-lhe um beijo – e ela disse que sim.” (CRUZ, apud FERREIRA, 1988, p. 168). O espaço, a paisagem citadina precisa, como nos exemplos, de um motivo, e, neles o recorrente é a música que aproxima o humano do urbano, que ruma ao corporalmente conquistado.

As aventuras dos amados precisam de um lócus citadino, ao congratular dos seres, nos salões, no *VILANKULU BY NIGTH*, ou seja, no espaço da cidade para que os relacionamentos se realizem. Citemos outro exemplo de rebeldias da linguagem citadina-feminina:

B) *Mulher de M'Siro* – O m'siro/ encantamento dos meus olhos/ perfaz a tua insular imagem./ No litoral do teu corpo/ a apoteótica espuma/ do orgasmo das ondas./ Ó júbilo na falésia do canto (SAÚTE, 1992, p. 123).

Nessas linhas de versos pulsam, no ritmo corporal da escrita, um lirismo amoroso e melancólico, recheado de nostalgias de tempos, espaços e pessoas. O poema clama pela volta da imagem plasmada nos objetos simbólicos perdidos no tempo da juventude: imagens que, desenhadas na retina da memória, acordam a metáfora desde o título *Mulher de M'Siro*. Porque essa diz do “encantamento dos meus olhos” (SAÚTE, 1992, p. 123).

A beleza do humano se iguala à beleza da natureza, pois, desde “No litoral do teu corpo” (SAÚTE, 1992, p. 123), percebemos a recorrência aos elementos simbólicos do natural, mas também, das cidades, que, como a Ilha de Moçambique, são lócus de referências para os poetas. Assim, a apoteose está relacionada, entre mar e corpo, cidade e mulher objeto do deleite e da partilha do momento conjuntural – que se concretiza na imagem da “apoteótica espuma”.

Concretamente, no que concerne às escolhas literárias, temos, no poema, imagens do étimo da cidade e do corpo na literatura, pois o poeta faz a súplica do desejo vivido

pelo encontro a dois, que pós e durante o prazer imita o “orgasmo das ondas” (SAÚTE, 1992, p. 123).

Temos, pois, no poema um desenho com palavras no qual o poeta recupera do passado a mulher que ele “perfaz (na) tua insular imagem”. O elemento ilha, como a divisão e os limites estão postos, pois insular diz do isolamento, da imagem se posterga no passado, enquanto que a metáfora marítima se adere ao emblema poético da *Mulher de M`Siro*.

Estas imagens decalcadas da memória, trazem dois elementos conjunturais: a cidade/ilha, a mulher/fortaleza que se edifica na lembrança de um tempo que se traduz como: “júbilo na falésia do canto”. Desse modo, amor e sexo, poesia e prazer se congratulam na rebeldia do dizer do poeta, ou seja, do cantar a beleza da mulher como quem se edifica, por experiência, na “falésia do canto”, como corpo da arte, que proporciona vida.

Indubitavelmente, nos poemas, os autores selecionados, agregam uma dimensão plástica e social aos textos, acrescentam valores históricos e literários a espaços e paisagens, criam metáfora inusitadas para dizer do corpo feminino e alegorizam a cidade qual derme do humano, como no poema seguinte de Patraquim.

C) *Ó minha palavra nua – ó minha palavra nua/ idioma do teu corpo// aqui fundo a raiz/ e o espaço/ neste ciciado cio/ teu monte azeviche/ aberto às manhãs/ cacimbado a nervo!* (PATRAQUIM, 2011, p. 23).

A digressão da sensibilidade oscila, no texto literário, entre o dizer e o sentir corporalmente fecundo; a linguagem do texto, como a corporal, produz emanções literárias, imagens inusitadas tal qual o ato de concepção humana. Mas, vale o destaque, para o da conquista, humana e colonial, na sublimar imagem – “aqui fundo a raiz”. Esse verso remete a dois planos simbólicos: no primeiro, temos a imagem do falo que se iguala à raiz quando fecunda a terra/vagina, espalhando semente e memórias pelo corpo inteiro, nesse momento edifica, melhor, funda uma relação.

O segundo símbolo está no étimo “fundo” que direciona à fundação, padrão, elementos demarcadores de conquista geográfica, e, também, da certeza de que plantando, se conquista o local, “aqui fundo a raiz/ e o espaço”. Nessa relação, o eu-poético funda a origem ao criar o espaço, plantar é colonizar; e esse remete tanto ao plano geográfico das cidades como aos do corpo feminino que, pelo jogo de criação e concepção determina a conquista: “aqui fundo a raiz”, o que define “o espaço” a ser vivido pelos componentes na cartografia fundada – casa, lar, morada, cidade.

Os escritores são como nautas que incursionam firme no manto da linguagem, pois há escritos que parecem narrativas, assim como há narrativas que parecem poemas, e poemas que dialogam com a história social. Em muitos textos, o leitor se depara com signos citadinos, pois visita e é revisitado pelos artefatos que direcionam ao social, ao histórico, e claro, à arte literária que o absorve pela acuidade do olhar e a tensão do estilo do autor.

A temática assim determinada, na lide do verbo e do gozo, investiga as nuances do desenho íntimo feminino e seu símile com as cidades, na voragem do social do olhar do poeta que, “Inscrevendo a coreográfica imobilidade Do silêncio/ O edifício de carne por onde a voz corria/ As colunas de puro âmbar/ E o rosto, Hannah!” (PATRAQUIM, 2011, p. 150).

A razão primacial da sensibilidade corporal feminina (as liberdades, a dança, a voz, o molejo, o desfile que cria o feromônio da linguagem sensual) perpetua a nobreza da emoção gráfica: escrever é expor o magma do corpo na trajetória percuciente e milagrosa do desejo, e conceber é desenvolver uma poética iluminada pelas linhas da vida que hibernam nas da escrita do corpo. Ambas traduzem a mulher escrita e a escrita mulher adornadas pelo sensual sutil dos saberes e sabores da África.

Desde o título de Alda Espírito Santo, *Descendo o meu bairro*, bem como o excerto “Eu vou trazer para o palco da vida pedaços da minha gente,” (SANTO, apud FERREIRA, 1988, p. 454), observamos uma visão inacabada do mundo, o que se irmana ao sentido da criação poética que se compõe com fragmentos do tempo e de pessoas. Assim, descemos a nossa análise, para trazer outra poesia para completar o cenário sobre o tema da aventura humana feminina como rebeldia que questiona a realidade, que propõe experiências como motivo de poesia.

Desse modo, vejamos o texto *Exposição*, de Malangatana, o qual convoca à sedução fascinante da palavra, conduzindo o eu da escrita, ao devaneio da secreta linguagem pessoal e emotiva, com labor da arte cidadina que esbulha, na sutileza das metáforas corporais, o universo da linguagem plástica.

Exposição  
As negras das lagoas  
fazem exposição  
de quadros nus e tristes  
com os próprios corpos as artistas  
pintam no fundo da parede de caniço

É uma exposição permanente

é uma galeria de quadros humanos  
que se vendem na galeria livre  
uma galeria mais que pública  
inaugurada pelo primeiro que chegou

Os quadros adquiridos  
são pagos no quarto da negra  
depois de oferecer a sua carne  
e o adquiridor nunca leva o seu quadro  
fica para o outro Paraquedista  
(MALANGATANA, apud SAÚTE, 2004, p. 303-304)

A escrita africana, quando tangencia o feminino, exprime reflexões ancoradas à consciência, também, do desprazer, porque escrever é uma arte da deriva: tráfego de certezas e incertezas no substrato do dizer/sentir. Os poetas africanos estabelecem uma consciência social contra as incertezas do histórico, mas conservam a concepção e a delicadeza do prazer humano que é a marca estruturante da poesia africana. Daí a tentativa, audaciosa, dos poetas, pela via do emocional, arrebanhar leitores cientes dos dramas humanos que são ancorados nos textos, com o pretexto do dizer sobre os fatos históricos.

Desse modo, o poeta necessita da memória como parceira da escrita, ou, em termos estritos, como “transmutação dessa memória em realidade diretamente sentida” (SCHLAFMAN, 1998, p. 71).

O delírio e a viagem inscritas na poesia do autor, nos proporcionam a pensar que, além da denúncia de coisificação do feminino, há uma denúncia subliminar que destaca “objectos parciais, as marcas das experiências transformando-as em blocos de sensações de afectos e perceptos que serão depositos no texto pela escrita” (PINTO DA SILVA, 2009, p. 43).

A exposição, como toda arte de instalação, dialoga com os emblemas do corpo, como elementos sedutores: cor, forma, movimento, cheiros que induzem sentimentos e olhares de pertencimento ao mundo da linguagem corporal. Assim, podemos afirmar que há “[...] uma exploração de uma dramaturgia da imagem e do potencial plástico que emana da presença física, no que pode resultar de uma presença cenográfica do corpo e do movimento, e em cujas características também nos revemos, impulsionando-nos a esta reflexão alargada” (ALVAREZ, 2016, p. 12). Pois a *Exposição*, no texto do autor que se espalha como rizoma para outros, não somente expõe o objeto arte, como nos expõe como objetos de contemplação e reflexão do objeto a ser apresentado. Porque, a arte nos acrescenta um pouco de nós e tira o que em nós é supérfluo, alargando a reflexão do humano.

Os textos desses poetas, sedimentam valores performáticos e grafológicos quando conceituam o corpo como obra de arte, e arte que se faz corpo de escrita reivindicativa. Essa expressa e traduz sentidos e significados de questões – sociais, históricas e femininas, sobre uma dimensão estética e ética na invencionice literária feminina. Dimensão estética que possibilita dialogar com Baudelaire quando diz que – “tudo o que ornamenta a mulher e serve para ilustrar sua beleza faz parte dela mesma” (BAUDELAIRE, apud SCHLAFMAN, 1987, p. 72).

O recôndito do prazer e da contradição está na presença do corpo que traz, à memória, o êxtase das recordações do que agrada aos olhos – “quadros nus e tristes”, pois, do ponto de vista histórico-social, o emblema da dominação está aí pintado na reminiscência de corpos como quadros que, nos espaços citadinos são contemplados, também, pela voragem do olhar.

A instalação artística é composta por dois aspectos. Um que expõe o corpo como elemento do belo, da paixão, pois, para o poeta, a tela é um hino de ação de graças ao prazer, uma litania de cores; e o outro que é a própria realidade do ser mulher doando-se em carne e beleza através da obra de arte viva: “é uma galeria de quadros humanos”.

O júbilo de contemplação busca ritos cerimoniais para declarar, através da liturgia poética, o espargir de sentidos oriundos do belo natural: “As negras das lagoas”. Assim, a instalação que fertiliza o olhar, e o olhar que se fertiliza no existente, convidam à reflexão de que, a arte pintada e a real, trazem a totalidade indivisível do ser mulher.

As exposições, de um modo geral, são realizadas nas cidades, nos centros urbanos. Nesses lugares, que funcionam como espaços de memórias, armazéns de saberes, nos quais os homens apresentam suas contribuições artísticas, o nu feminino é, quase sempre, tema recorrente para atrair o olhar masculino, rico em sonhos e fantasias de posse e poder, porque é, assim como o tema: “uma exposição permanente/ uma galeria de quadros humanos/ que se vendem na galeria livre”.

O autor, devassando os sentidos de sedução que induzem ao prazer da criação textual, num símile de concepção, nos doa sua consciência – grafo e corporal – decodificando as metáforas do corpo e da cidade, criando alegorias citadinas do contraditório social, com a marca e o vigor da pantomima da dominação: “uma galeria mais que pública/ inaugurada pelo primeiro que chegou”.

Os traços do artista da palavra, induzem imagens pictóricas denunciadoras da escravidão masculina pela força do trabalho, e a feminina através do corpo como instrumento de sobrevivência no mundo colonial. Assim, a arte estimula a consciência da luta de classes não pelas qualidades da obra de arte, mas pelos ícones e símbolos de

poder que geram diferentes imagens de desejo, de apropriação e de despojamento, visto que os detalhes, na obra exposta, ampliam e aumentam a compreensão do estético feminino africano vivido pela atrocidade do sistema colonial que fez do corpo da mulher objeto da descartabilidade; isto porque, “o adquiridor nunca leva o seu quadro”.

O leitor entende, assim, o ardil devassador da imagem oriunda da *Exposição* que vende corpos enquadrados na mais valia da personalidade masculina que usa e, depois, cede o objeto do prazer, “para o outro Paraquedista” contemplado no jogo possessivo de diferentes imagens do desejo. Esse transforma a *Exposição*, no circunlóquio, pois a fila, como indica “o outro”, representa uma espécie de recorrência. Sob este aspecto, não há ambiguidade no poema, pois o estrangeiro está claro em Paraquedista.

Os textos aqui selecionados, perpetuam-se em imagens que primam entre o dizer e o prazer na apoteótica expressividade da linguagem feminina que se escora no cidadão como signo da transferência, pois adquirem a intensidade da rebeldia do prazer e do sentir através da literatura que se perpetua no “delírio da língua”.

Na criação literária, por exemplo e de acordo com os autores, existe um delírio da língua, procura de potências gramaticais e sintáticas, de um estilo, tensores, uma língua menor; e no seu próprio lugar, sem o escritor sair sequer de si, uma viagem pelos espaços intensivos do corpo, descoberta de territórios, tribos, povos, culturas, nações e religiões exactamente onde ficaram os afectos e perceptos inscritos como intensidades (PINTO DA SILVA, 2009, p. 42).

No devaneio da secreta lingual cidadina, no delírio da língua corporal, Malangatana ilumina achados poéticos com o fulgor da descoberta do magma da poesia como quem dialoga com Alda Espírito Santo “filho da população heterogénea/ brotada pela conjuntura/ duma miscelânea curiosa/ de gentes das áfricas mais díspares,/ da África una dos nossos sonhos/ de meninos já crescidos” (SANTO, apud FERREIRA, 1988, p. 455).

O poeta de temática cidadina elabora seu texto, esculpe-o, como uma obra de arte edificada nos subúrbios das cidades e da linguagem, pois, os elementos associados à paisagem, ao espaço, são instalados, objetivamente, na composição dos elementos urbanos: bares, ruas, árvores, avenidas que, no mundo colonial, como os homens, também estão em ruínas, porque, “[...] uma visão acabada do mundo não é compatível com a criação poética” (SCHLAFMAN, 1987, p. 171).

Portanto, podemos supor que, o ritual da escrita africana se assemelha ao do arquiteto que tenta equilibrar, com vista à obtenção dos melhores resultados

performáticos, o texto como arcabouço residencial. O escultor da palavra, buscar o equilíbrio de metáforas que brotam da miscelânea de metáforas inusitadas do cidadão feminino, qual corpo/fruto do “Desejo” de rebeldia, desde o texto como pretexto de denunciar, também, as querelas sociais. “E nas sanzalas/ nas casas/ nos subúrbios das cidades/ para lá das linhas/ nos recantos escuros das casas ricas/ onde os negros murmuram: ainda// O meu Desejo” (NETO, apud ŠPÁNKOVÁ, 2014, p. 28).

Os autores projetam, em suas produções artísticas, as vozes silenciadas durante décadas de opressão, das mulheres africanas que falam, através do literário, como se fossem confidentes da mesma dor. Elas confirmam, assim, que a literatura é a arte de tornar visível os sentidos invisíveis do social, pois os textos dialogam com os nossos sentidos como algo que brota da mesma origem e tem o mesmo valor.

## Conclusão

Na derme dos poemas em análises – como observado – estão tatuadas imagens que não são somente as de e sobre a luta armada, mas, também, de outro ângulo de conquistas do humano, a corporal; revelando uma liberdade que pulsa sobre o sensual, através da luta com a palavra. Essas têm o íntimo do sensivelmente capturado no âmago do humano – suas ramificações se alongam no dizer e no prazer/existir corporalmente comprometido com o viver em liberdade. O texto, revela-se, pois, como patrimônio existencial que organiza o sensível e o inteligível nos espaços corporais e cidadãos africanos.

Neste constante jogo (re)inventivo, o autor africano, recria histórias demarcadoras das conquistas femininas que, depois de anos de castração, contaminam-se da fantasia libertária, deixando transparecer o quanto os saberes literários continuam impregnados dos ditames do colonialismo. E que, no átrio da escrita de e sobre o feminino, as poesias apresentam o homem “dividido, mutilado, incompleto, inimigo de si próprio (que) pode ser o homem contemporâneo que Marx chamou de alienado e Freud de reprimido – aquele que perdeu a antiga harmonia” (SCHLAFMAN, 1987, p. 45).

A harmonia do dizer recuperado no cenário geográfico, se confunde à harmonia do prazer na cartografia do corpo (que ainda expõe as escarificações do processo colonial) exposto em beleza, ritualidade e mitos mnemônicos, nas avenidas das cidades, carregando consigo algo de essencial das relações humanas, pois, como aduz Lemos (1999) – “(...) o teu corpo/ explode/ memórias dos pés/ à cabeça,/ em desordem” (LEMOS, 1999, p. 101).

Corpo e cidade compõem aromas de liberdades. Transitar na cidade, livre dos olhares do Outro, do antípoda, põe ritmo à vida que desde sempre é movência. Mover o corpo nas vielas das cidades confirma atos de sedução e conquista. Preenhe de olhares, cuja apropriação e controle são outros, deambula, o corpo feminino, na cidade pondo ritmo ao comércio, à vida que se alberga no trânsito do viver e conviver.

O cenário, como espaço necessário, dos adereços do corpo, seduz e induz a outras travessias, movências e trânsitos de culturas e de desejos que confirmam viagens corporais, movimentos, desvios, errâncias. “O deslocamento do vivido e do lembrado sustenta a imagem de um projeto literário pautado na utopia de homens e mulheres que idealizaram a construção das nações submersas num mundo colonial” (OLIVEIRA, 2014, p. 82).

Portanto, deduzimos que, através do levantamento bibliográfico, a mulher é privilegiadamente referenciada com solidariedade, respeito e humanidade no espaço material e linguístico, tanto nos textos aqui elencados, como na maioria dos textos sobre a temática feminina na literatura africana, o que nos despertou a presente investigação.

## Referências

- ALEXANDRIAN. **História da literatura erótica**. Lisboa: Livros do Brasil, 1991.
- ALVAREZ, R. **Bodybuilders**: a construção do corpo, do sujeito e da alteridade enquanto objecto artístico, (Tese de Doutoramento) Algarve: UAlg FCHS, 2016.
- APA, L.; DÁSKALOS, M. A.; BARBEITOS, A. **Poesia africana de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lacerda Editoras, 2003.
- CALDERÓN, D. E. **Breve diccionario de términos literarios**. Madrid: Alianza Editorial, 2000.
- CANDIDO, A. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Associação editorial Humanitas, 2006.
- CHABAL, P. **Vozes moçambicanas**: literatura e nacionalidade. Lisboa: Vega, 1994.
- FERREIRA, M. **África 3 – Literatura, arte e cultura**. Lisboa: Santelmo, 1979.
- LEMOS, V. de. **Ilha de Moçambique** – a língua é o exílio do que sonhas. Maputo: AMOLP, 1999.
- MACÊDO, T. Estas mulheres cheias de prosa: a narrativa feminina na África de língua portuguesa. In: LEÃO, Â. V. (Org.). **Contatos e ressonâncias**: literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUCMinas, 2003. p. 155-168.
- MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literatura das nações africanas de língua portuguesa**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

MESTRE, D. **Subscrito a giz**. 2004.

OLIVEIRA, J. Vozes femininas nas literaturas africanas de língua portuguesa. **Revista Contexto**, Vitória, n. 25, 2014.

PATRAQUIM, L. C. **Antologia poética**. Org. Carmen Lucia Tindó Seco. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2011.

PINTO DA SILVA, F. M. M. A. **Da Literatura, do Corpo e do Corpo na Literatura**: Derrida, Deleuze e monstros do Renascimento. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.

RICARDO, C. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

SANTO, A. E. In: FERREIRA, M. **No Reino de Caliban II**. Lisboa: Plátano Editora, 1988. p. 454–455.

SAÚTE, N.; SOPA, A. **A ilha de Moçambique pela voz dos poetas**. Lisboa: Edições 70, 1992.

SAÚTE, N. **Nunca mais é sábado – antologia de poesia moçambicana**. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

SCHALAFMAN, L. **A verdade e a mentira – novos caminhos para a literatura**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.

ŠPÁNKOVÁ, S. **Literaturas africanas de língua portuguesa I**. Antologia de textos literários. Brno: Masarykova univerzita, 2014.

XAVIER, L. G. **Literaturas africanas em português: uma introdução**. Macau: Instituto politécnico de Macau, 2017.